

PARA VIVER UM GRANDE AMOR e LIVRO DE SONETOS

Vinicius de Moraes

COMPANHIA DAS LETRAS

Para viver um grande amor e Livro de sonetos prestam-se como excelentes guias para o leitor que se aproxima, ou se reaproxima, da obra de Vinicius de Moraes (1913-1980). Coletânea de crônicas escritas, em sua maioria, para o jornal Última Hora durante os anos 50, misturadas a poemas também marcados pela circunstância, Para viver um grande amor abre uma porta para que o Vinicius amante do cotidiano, homem guiado sobretudo pela rapidez das emoções e pela fluidez da vida. Sem deixar o cotidiano de lado, o Livro de sonetos traz uma outra face mais elaborada e introvertida do poeta, a do homem metucioso, que tratava a palavra com requinte e manipulava os versos como se eles fossem uma sombra da presença divina e da perfeição.

No primeiro, Vinicius traça retratos extremamente pessoais de personalidades como Portinari, Jayme Ovalle, Oscar Niemeyer, Murilo Mendes e Dolores Duran. São escritos jornalísticos ágeis, perfis desenhados no calor da hora, ao sabor da emoção. Com Para viver um grande amor, o leitor tem uma porta aberta para o Vinicius cantor e boêmio, que se deixou levar com maestria pelos embalos da música popular, foi parceiro de Tom Jobim e se tornou uma personalidade chave de seu tempo. Já no Livro de sonetos, por detrás desse Vinicius carismático, desponta um outro Vinicius de Moraes, a fina elegância do diplomata de carreira, a contensão cerimoniosa do poeta que diz tudo com meias palavras, o equilíbrio difícil de um homem que escreveu uma imensa obra para ordenar seu imenso e inconstante coração.

Com esses dois livros, a Companhia das Letras começa a entregar ao leitor, de forma organizada e com o presente precioso de oito crônicas e nove sonetos inéditos, a obra de um poeta que alargou os limites da poesia para além dos limites da palavra, pois misturou vida e poesia de um modo avassalador, que torna impossível separar o que é obra literária do que possa ser, fora dela, a poesia. Vinicius de Moraes poetizou tudo à sua volta. Fez da palavra um instrumento, eficaz e delicado, para um projeto maior de tornar o mundo mais parecido com as ilusões românticas de sua geração.

HISTÓRIA MENSAGEIRA... COMPUTADOR MEDIADOR...

Uma análise semiolinguística do discurso infantil na narrativa*

Margarete Axt**

* a atividade de teorização procede de um esforço de objetivação para arrancar do mundo empírico uma explicação sem a qual restaria um vivido sem significação". (Charaudeau, 83)

RESUMO

Ao explorar recursos de programação em linguagem LOGO, criando ambientes informáticos de aprendizagem aplicados ao estudo da Língua Portuguesa, um dos nossos objetivos específicos foi de verificar os seus efeitos sobre a competência discursiva infantil. Um estudo de caso abrangendo 14 narrativas de uma criança com uma história pregressa de dificuldades na área de linguagem, mostrou-nos que, subjacente a idéias pouco desenvolvidas e estratégias verbais primitivas, essas histórias apresentavam estrutura textual e estrutura discursiva. Ao que tudo indica a criança havia sido estimulada, pelas condições desse ambiente particular, a ativar a capacidade de perceber e interpretar regras socio-linguísticas do contexto, de modo a produzir uma mensagem singular que tivesse um certo impacto sobre a situação de comunicação.

* apoio CNPq/FAPERS. M. Alice Viegas e especialmente Décio Tatizana, bolsistas FAPERGS, auxiliaram na coleta, registro e transcrição de dados.

** pesquisadora do LEC/UFRGS, bolsista e doutoranda PUCRS.

O estudo da produção infantil de textos narrativos adquire importância na medida em que há, ainda, poucos trabalhos sobre o desenvolvimento da competência textual discursiva na criança e os existentes apresentam resultados desencontrados, mostrando uma sensível variação de um estudo para outro, dependendo do tipo de tarefa que a criança é convidada a realizar, das condições de produção, e do próprios métodos de análise aplicados ao corpo do estudo da narrativa infantil (Fayol, 85).

Além disso, a narrativa, enquanto produto, não constitui um fenômeno unitário, como diz Fayol (85), mas um amálgama de condutas discursivas e narrativas às vezes difíceis de distinguir. O mesmo autor considera, no entanto, que as dificuldades podem ser contornadas pelo estudo da gênese e do desenvolvimento da narrativa infantil.

E nossa hipótese, numa perspectiva desenvolvimentista, que a criança, desde o momento em que começa a interagir verbalmente com seus semelhantes, vai construindo representações simbólicas e desenvolvendo sua competência lingüístico-discursiva no sentido de reconhecer, manipular e adequar à situação atos de fala, aproximando-se à medida que se desenvolve, da competência do adulto; essa competência, por mais desvanecida que possa parecer pela incompletude e pobreza da manifestação discursiva superficial, pode ser inferida e apreendida através da análise dos princípios de organização que regem tal manifestação e que lhe são subjacentes.

Implicação decorrente é a de que essa competência se forma e se constrói independentemente das dificuldades de aprendizagem e eventuais limitações que o sujeito venha a apresentar (dentro, é claro, de padrões razoáveis de normalidade), podendo ser mais ou menos mobilizada em função da qualidade de interação da criança com seu meio-ambiente.

Por conseguinte, ao explorar recursos de programação ativa com linguagem LOGO, criando ambientes informáticos de aprendizagem aplicados ao estudo da Língua Portuguesa (Axt 86; 89a 89b), uma de nossas metas tem sido a de verificar os seus efeitos sobre a competência discursiva infantil. E, dentro desse escopo, o objetivo do presente estudo de caso foi verificar o valor operacional de nossa hipótese.

O nosso interesse girou em torno de textos narrativos produzidos por uma criança de 10 para 12 anos, com uma história progressiva de dificuldade de aprendizagem na área de língua. Esses textos foram produzidos em ambiente informático e espontaneamente, através da programação em LOGO.

A atividade de contar histórias é uma das muitas sugestões oferecidas às crianças nas sessões de programação ativa com estruturas de lista em LOGO. As crianças têm toda a liberdade de escolher a atividade que mais lhe agrada. Estratégias de intervenção fundamentam-se no método clínico piagetiano (Castorina, 84; Axt, 86; 89a). As crianças, dependendo dos objetivos do pesquisador, podem trabalhar em duplas ou individualmente durante as sessões coletivas ou "Clube LOGO". Após de cada criança (ou de cada dupla) encontra-se um observador que, silencioso, acompanha e registra tudo o que a criança diz ou pergunta. O acompanhamento da criança (intervenções e auxílio) é feito pelo pesquisador e pelos monitores. Pelo fato de se realizarem outras atividades em paralelo no laboratório, sempre há pessoas circulando pelo recinto (outros pesquisadores, bolsistas, alunos de graduação, professores, visitantes).

VINI, nosso sujeito, trabalhou conosco durante dois anos, totalizando 81 sessões. Ao longo desse tempo, ele ocupou 20 sessões em programação envolvendo histórias, produzindo em torno de 14 textos originais de 4 a 8 sentenças e com um personagem principal. Os textos são extremamente parecidos: além do mesmo tema e da mesma estrutura, possuem, quase todos, o mesmo ator "Décio". E quase como se pudéssemos dar um título genérico "Os acidentes de Décio" ou "Os azares de Décio" (note-se que Décio era o observador de VINI). Décio era sempre a infeliz vítima de acidentes de trânsito, que acabava tendo que baixar hospital a fim de se recuperar. No entanto, nem sempre Décio estava disposto a submeter-se ao tratamento, o que levava à morte ou a uma quase-morte. A mensagem explícita, bem como a implícita, era sempre no sentido de que se deve temer o trânsito, de que o trânsito é violento e de que acidentes ocorrem de modo totalmente imprevisível, especialmente se se é desatento como o Décio. E mais, se você for uma vítima de acidente de trânsito, você não logrará recuperar-se a não ser que vá para o hospital e lá se submeta a um tratamento.

Cada história foi preliminarmente submetida a uma análise estrutural bem como a uma análise semiótica com o objetivo de examinar o seu grau de narratividade (por falta de espaço, faremos aqui apenas um resumo das conclusões dessas análises). O passo seguinte foi proceder a uma análise do discurso infantil nessas narrativas, de acordo com uma abordagem semiolinguística.

Os dados para análise incluem registros em disquete e de impressora do produto de suas atividades de programação, bem como descrições observacionais de sua conduta durante as atividades de suas verbalizações e das intervenções do pesquisador ou dos monitores.

O quadro de referência para uma metodologia de análise do discurso assenta em Charaudeau (83) e, para a determinação do conceito de narrativa, em Adam (87a; 87b).

A procurar estabelecer as características internas da narrativa, diferentes tipos de análise literária e lingüística mostraram uma interessante convergência na medida em que propuseram uma organização estrutural semântico-formal subjacente à manifestação discursiva superficial (Fayol, 85; Adam, 87; Adam, 87b; Charaudeau, 83). Esses estudos não se opõem, mas se completam na construção do que tem sido chamado de "a gramática da narrativa" e de "estrutura básica da significação", bem como na determinação de um produto ou "esquema canônico" do texto narrativo.

Poderíamos dizer, de modo resumido (e como ponto de partida), que a narrativa se caracteriza, basicamente, pelo tratamento do aspecto temporal-sequencial (dimensão estrutural) e dramático (dimensão semiótica) nisso diferenciando-se, portanto, da descrição, a qual, mesmo discorrendo sobre eventos, o faz de forma estanque, linear; na descrição, não há progressão da ação, não há intriga. A intriga constitui uma noção fundamental para narrativa, pois é sobre essa noção que se fundamenta outra noção não menos fundamental, a de transformação de um estado inicial para um estado final (Fayol, 85). Outro elemento essencial numa narrativa é o conteúdo moral dedutível, ou inferível, de seu desfecho.

No concernente à polarização situação inicial/final, pode-se dizer que uma narrativa constitui-se sempre, no mínimo, de uma situação inicial e de uma situação final (diferenciada no tempo e modificada, em relação à inicial, no seu conteúdo), através das quais é possível remontar o curso da história (Adam, 87b). Na verdade, uma história é sempre recontada tendo em vista seu conteúdo final (moral), considerando como o conteúdo posto, em oposição ao seu conteúdo inicial, ou conteúdo inverso. É nesse sentido, portanto, que a narrativa se faz uma estrutura hierárquica: a história é construída na tentativa de busca de uma articulação desses dois grandes espaços contrários (Adam, 87b).

A análise do discurso na perspectiva semiolingüística tal como proposta por Charaudeau (83) consiste na análise de um ato de linguagem. O autor sintetiza o conceito de ato de linguagem como o resultado de uma "mise en scene" discursiva realizada por sujeitos agentes (EUC e TUI), através de uma matéria lingüística semântico-formal que se organiza em contratos de fala e em estratégias. O contrato de fala pode ser caracterizado enquanto ritual sócio-lingüístico sobredeterminante das relações entre os protagonistas do ato de linguagem, do qual depende o implícito codificado. A noção de estratégia, por sua vez, fundamenta-se sobre a hipótese de que o EUC concebe, organiza

e atualiza suas intenções através do ato de linguagem de modo a produzir certos efeitos (de convicção, persuasão...) sobre o TUI (Charaudeau, 83).

Assim, do ponto de vista da produção (especificamente), esta tem como ponto de partida um sujeito comunicante (EUC) que visa à construção de um sujeito destinatário (TUD), e cuja competência está na capacidade de reconhecer e manipular a matéria lingüística em circunstância de discurso, dadas as restrições situacionais. Essa competência vem a ser o resultado de três componentes básicos: um componente lingüístico que constitui uma competência lingüística (da frase, do texto); um componente situacional que constitui uma competência situacional; e um componente discursivo que constitui uma competência discursiva (Charaudeau, 83).

Os protagonistas do ato de linguagem são um EU-sujeito-produtor-do-ato-de-linguagem (ou EUC-comunicante) e um TU-sujeito-interlocutor-dese-ato-de-linguagem (ou TUI-interpretante) testemunhas do real, os quais, no entanto, não se confundem com os sujeitos instaurados dialeticamente no ato de comunicação e que são o TUD-destinatário, uma imagem de TU construída pelo EU (com a colaboração do TU), e o EUE-enunciador, imagem construída pelo TU (com a colaboração do EU). Decorre daí que se tem, num ato de linguagem, não dois, mas 4 protagonistas.

O autor define os protagonistas em seu duplo papel na medida em que "numa sociedade se exercem estratégias de poder que são o resultado de um jogo de ser e de parecer entre o status social dos protagonistas do circuito de comunicação (EUC/TUI) e o status lingüístico dos protagonistas que controem a manifestação de linguagem (EUC/TUD) (Charaudeau, 83).

Dessa forma, para Charaudeau (83), a comunicação não se faz tanto sobre o que é dito explicitamente, quanto pelo sentido implícito subjacente que circula sob a manifestação verbal explícita e que se configura no jogo de relações que se estabelece entre os protagonistas e nas relações destes com as circunstâncias de fala que os refinem. Nesse sentido, o ato de linguagem tem uma dupla dimensão: o explícito e o implícito, ambos "absolutamente indissociáveis um do outro". Conforme a definição dada por Charaudeau do implícito no ato de linguagem, fica claro que o mesmo se encontra ligado às condições de produção/interpretação do discurso e que ele denomina de Circunstâncias do Discurso (CD). As CD são definidas por Charaudeau como "o conjunto dos saberes supostos que circulam entre os protagonistas do ato de linguagem".

Decorre, outrossim, que o ato de linguagem, segundo Charaudeau, é "o lugar de encontro imaginário de dois universos de discurso que não são idênticos": há apenas uma pequena zona de intersecção, ou de intercompreensão suposta, de um saber partilhado, as CD, sendo sobre essa zona que se constrói a comunicação.

RESULTADOS

A análise dos dados mostrou-nos que, subjacente a idéias pouco desenvolvidas e estratégias verbais primitivas, é possível identificar, do ponto de vista da estrutura formal e da estrutura da significação:

- 1) uma estrutura narrativa canônica, na qual as categorias obrigatórias estão presentes - a situação inicial (o herói despreocupado); a intriga (o acidente); a resolução (o herói se recupera, ou não); a mensagem;
- 2) um arcabouço episódico completo - a situação inicial, a intriga, o processo de transformação e a situação final inversa;
- 3) uma lógica clara do curso das ações, incluindo de duas a três tríades - degradação (o herói está prestes a morrer); melhoramento (o herói tenta submeter-se ao tratamento prescrito); opcionalmente, nova degradação (o herói desiste do tratamento),
- 4) um esquema actancial completo - o destinador (o próprio herói comanda a busca da saúde); o herói (ele sai em busca da sua saúde); o destinatário (é o próprio herói, que quer reaver a saúde perdida); o eixo de luta onde se confrontam adjuvantes e oponentes (médicos, amigos, tratamento versus carros, ônibus, resistência a tratamento).
- 5) o quadro semiótico, com o jogo de relações entre opostos - inconsciência de estado de saúde e dos perigos do trânsito (estado de não morte) versus tomada de consciência (estado de vida); o enredo/intriga; momento do acidente (estado de quase-morte) versus socorro e tratamento hospitalar (estado de quase-vida ou não-vida); a prova de qualificação; o desejo de viver versus a falta de persistência: o eixo de luta; vida versus morte: sanção ou não - melhoramento/sanção.

A análise do discurso tornou possível detectar um sistema completo de discurso, evidenciando três níveis de compreensão:

- 1) o nível mais superficial de análise procura tornar manifesta a funcionalidade imediata dessas narrativas tão iguais: a função argumentativa de que o trânsito é perigoso e que deve ser temido.

Paralelamente, tenta verificar a razão pela qual Vini teria escolhido o seu observador para desempenhar o papel principal do herói (ou anti-herói) em suas histórias.

Para Charaudeau (83), o processo narrativo tem por função explicitar o lugar (o "ele") onde se organiza o Universo das ações humanas e as qualificações dos seres que essas ações colocam em causa - de certa maneira foi o que procuramos desvelar nas narrativas de Vini, através das análises feitas até o momento. Charaudeau vai buscar na pragmática a definição da natureza das operações que presidem essa organização (o que veremos mais adiante); e vai buscar na semiótica (nos estudos da estrutura básica da significação), a explicitação do princípio básico de organização do próprio

processo narrativo. De acordo com o autor (83) e resumindo a análise semiótica feita acima, o princípio de organização desse aparelho lingüístico se decompõe em:

- uma situação de carência, ou de "falta", de ser qualquer;
- tomada de consciência dessa carência pelo ser, levando-o a se tornar agente de um "fazer" com vistas a preencher essa carência, o que resulta na busca de um objeto de valor que cumpra essa função;
- o resultado da busca, que pode ser negativo (degradação produzida) ou positivo (melhoramento obtido).

Decorre que esse princípio de organização repousa sobre uma relação de causalidade inelutável (obrigatória) entre carência e busca: SE tomada de consciência da falta ENTÃO busca. Essa implicação de inelutabilidade da relação causal nos remete ao componente argumentativo da narrativa. Tanto Charaudeau (83), quanto Adam (87c) são categóricos em afirmar que a narrativa não prescinde do mesmo. As relações de causalidade entre os eventos vão sendo construídas progressivamente, e numa ordem inversa do raciocínio SE...ENTÃO. Se considerarmos que, do ponto de vista da intencionalidade e dadas certas condições (Cx), um autor, de posse de um certo conteúdo moral cuja explicitação tenha em mente; e que esse conteúdo seja considerado um conteúdo posto, isto é, a situação final ou a moral; e que esse conteúdo posto deve ser explicitado pragmaticamente (de acordo com certa intenção e com um objetivo determinado em mente), por uma história qualquer; e que essa história tenha por origem uma situação inicial inversa à do fim objetivado, logo um conteúdo inverso; então, em vez do raciocínio condicional dedutivo "SE P ENTÃO Q", teremos, na narrativa, o raciocínio indutivo "SE Q é verdadeiro, dadas as condições Cx, ENTÃO é porque tem P na origem". Numa paráfrase, "SE se deve temer o trânsito, violento, cada vez que se sai à rua, (ENTÃO) é porque o trânsito, imprevisível".

E justamente com o estabelecimento dessa relação de implicação absoluta entre os eventos - o que nas histórias de Vini se acha naturalmente reforçado pelo caráter repetitivo das mesmas -, que o pequeno autor procura estrategicamente criar o "efeito de realidade": nas histórias de Vini, o personagem, ferido e doente, SEMPRE, de um jeito ou de outro, vai para o hospital em busca de recuperação, sendo, ou não, bem sucedido nessa empreitada. Esse "efeito de realidade" criado tem, como consequência, dar a ilusão ao leitor de que todas as demais causalidades que dela derivam, também são inelutáveis, entre as quais, os componentes do azar e do acaso, os estados de espírito e de saúde do personagem "tranquilo", "feliz da vida", "moscão", "super mal", "super bem". Contribui para a criação desse efeito o fato de os acontecimentos trágicos de que fala Vini, desencadeando o processo todo, serem perfeitamente possíveis em nossa realidade.

Do ponto de vista pragmático, e parafraseando Charaudeau (83), a narrativa de Vini pode ser considerada, na sua essência, um ato de persuasão, e ao mesmo tempo, de admoestação, que se articula sobre um comportamento enunciativo de justificação: uma justificação na medida em que combina um comportamento elocutivo de convicção e de onisciência do sujeito falante com um comportamento elocutivo de persuasão do TU, através de uma vaga ameaça, para que ele aceite a tese do EU, juntamente com as relações propostas de implicação causal inelutável dos eventos. As narrativas de Vini configuram um comportamento alocutivo na medida em que revelam o estatuto do eu no que respeita à relação EU/TU, através da posição de onisciência assumida pelo EU no concernente ao Universo do TU, este, estrategicamente transformado em personagem pelo EU. É justamente essa posição de onisciência em relação ao TU que confere, ilusoriamente, valor-verdade ao que é dito pelo autor, que válida a tese Q e a sua relação de implicação absoluta com P, produzindo um efeito pragmático sobre o interpretante, de aceitação.

Ao contrário do compartimento alocutivo, de caráter polêmico e com ênfase sobre o TU, o comportamento elocutivo é considerado situacional, caracterizando o modo como o EU situa o propósito, enunciado em relação a si próprio (Charaudeau, 83). Nas histórias de Vini, o fato de o pequeno autor se colocar numa posição de onisciência em relação ao Universo do TU, de certa forma deixa a descoberto a convicção do EU a respeito do seu saber sobre o TU. Nesse sentido o TU não seria o beneficiário direto dessa enunciação mas uma espécie de "simples destinatário-testemunha" dos eventos relatados pelo EU.

No nível micro-proporcional, essas questões pragmáticas são marcadas pela indentificação do personagem da narrativa com o TU, protagonista do ato de linguagem; pelo relato na terceira pessoa e pelo uso do pretérito perfeito do indicativo, característicos do relato de fatos vividos ou verificados; por julgamentos de valor a respeito dos estudos internos do personagem, criando a ilusão de que a autor sabe o que se passa com o personagem. Já as marcas argumentativas são muito fracas, inexistindo praticamente conectores argumentativos. Os enunciados são quase sempre conectados ou por justaposição ou por coordenação sindética. Esporadicamente temos um "porque" ou um "mas". A força argumentativa se revela principalmente a partir da análise semiótica da macro-estrutura semântica e dos micro-atos da componente pragmática-enunciativa no nível local microestrutural do discurso, responsável pelas marcas linguísticas já referidas.

2) o segundo nível de análise, concernente ao enunciativo intertextual (ou intertextualidade), procura explicitar a razão pela qual Vini teria selecionado este tema sobre acidentes de trânsito, em que invariavelmente o herói sofre danos pessoais, necessitando submeter-se, de forma sistemática, a um tratamento hospitalar.

Quer nos parecer que, para uma criança escrever algo espontaneamente, ela deve ter algum motivo pertinente para fazê-lo. Acreditamos, também,

que a medida para essa noção de pertinência lhe é dada pela comunidade na qual está inserida.

Ao que tudo indica, esse Universo Temático situa-se ao nível do "interdiscurso", ou do discurso alusivo (comportamento delocutivo), na instância das representações coletivas de uma sociedade vivendo num país - o Brasil - campeão em acidentes de trânsito, seguidos de morte (o que é amplamente divulgado por veículos de comunicação de massa), e, mais especificamente de uma sociedade urbana de grande cidade, como Porto Alegre, onde o trânsito costuma ser intenso e violento. Nesse contexto, uma das grandes preocupações, em geral, é no sentido de orientar enfática e sistematicamente sua crianças, para que se ponham "em guarda" contra o trânsito. Um indício dessa preocupação é o seu reflexo sobre algumas crianças: o próprio Vini que, de acordo com relatos feitos pela mãe na sua primeira entrevista conosco, só por volta de junho/88 (o que, casualidade ou não (?), coincide, grosso modo com o período em que começou a escrever sobre esse tema), começou a adquirir segurança para se deslocar sozinho (a pé ou de ônibus) para a escola, o LEC e outros lugares próximos de sua residência.

É possível que Vini seja alcançado pelo interdiscurso, através do discurso dos meios de comunicação e do discurso da mãe, professora de educação física, atualmente dedicada à recuperação fisioterápica, em clínicas e hospitais, de pacientes muitas vezes acidentados no trânsito. Seria então, no nível da zona de intersecção com o discurso da mãe, que colocaríamos a "compulsão" de Vini de elevar o hospital à condição de representante privilegiado da saúde, institucionalizando-o como ponto de passagem obrigatório no ritual de busca desse objeto de valor. Não será por acaso que o hospital aparece quase que em todas as histórias e, em muitas delas, escritos em letras versais ("OSPITAU", "HOSPITAL", "OSPITAL").

Assim parece evidente que este tema "tão real" se ajuste à necessidade do jovem autor a explorar o efeito da realidade, contribuindo, mais uma vez, para reforçar o estabelecimento de um contrato de autenticidade entre o escritor e o leitor, das quais uma das consequências (como já foi referido acima) é validar a posição de onisciência do EU em relação ao TU.

3) O terceiro nível de análise procura recuperar a motivação e a intencionalidade subjacentes em Vini, enquanto escritor. Vini instalou, na verdade, um processo de comunicação, via computador, com um interlocutor presente no ato de enunciação que sendo escrito, era como se fosse oral, por sua especificidade em termos de intencionalidade e de eleição de um TU. Sem conhecer TUi-sujeito-intepretante-do-ato-de-linguagem, muito bem, Vini procurava construir um TUD-destinatário-testemunha-do-real, do "real" criado nas suas histórias, e nas quais o TU era alçado à condição de personagem.

Na verdade, essa estratégia de identificar o TU com o personagem da história, colocava o TUi numa situação interessante - ou cooperava com a proposta do EUE, aceitando o EUE no papel de narrador oniciente, e, conseqüentemente, a imagem do TUD proposta pelo EU, identificando-se

com ela, ou a contestava, não aceitando nem a imagem do EUE-onisciente, nem a do TUD-testemunha-do-real. Contudo, a não aceitação do TUD, pelo TUi, implicava, da parte deste, não-aceitação das regras do relacionamento prevista no laboratório entre facilitadores/ observadores e crianças, as quais são, fundamentalmente de aceitação, sem censura, por parte dos primeiros, do produto da atividade dos últimos. Daí a aceitação, por parte do TUi, da imagem de TUD criada por Vini, no momento da enunciação, e a sua identificação com ela, com a conseqüente aceitação da imagem de um EUE onisciente, impingida pelo EUC ao TUi. Como sabemos de Charaudeau, o EUE é apenas uma imagem parcial do EUC, encontrando-se ambos numa relação de opacidade no que diz respeito um ao outro, via de regra. Mas o EUC pode jogar, como no caso de Vini, estrategicamente, "o jogo da transparência do EUE/EUE", cujo efeito de sentido é levar o TUD a julgar que a onisciência do EUE deriva do conhecimento que o EUC tem sobre o TU. Essa implicação é automaticamente feita na medida em que o EUC ocupa, caracteristicamente, um lugar e uma posição como testemunha real, podendo ser acreditado. Ao descrever fatos "reais", supostamente "ocorridos" com o TU, o EUC instaura o narrador como observador e conhecedor dos fatos, procurando estabelecer efeitos de real. O fato do EUC ser uma testemunha de eventos verificados ou vividos, convida o TUi a um contrato de autenticidade, por um lado, e, por outro, a um contrato de reconhecimento, na medida em procura estabelecer um ponto de vista enunciativo único, objetivante, porque partilhado. E Vini acaba por estabelecer este contrato de reconhecimento em benefício da construção de um sentido comum, mediante o aproveitamento de uma prática social do laboratório.

Ao estabelecer um contrato de autenticidade e de reconhecimento com o TUi, a respeito de um certo mundo em questão (o ELEo agora ELEX), através das estratégias já analisadas de autor onisciente e de identificação do TU com um personagem, o pequeno autor se coloca numa posição privilegiada em relação ao seu interlocutor, jogando com ele num plano imaginário, como se jogasse com uma marioneta, o que lhe permite sentir-se mais poderoso que o outro por alguns momentos. E por que tudo isso?

Digamos que o EUE pode produzir o efeito de fala, mas o EUC participa da totalidade do ato de linguagem, apesar de sua posição aparente de exterioridade e, conseqüentemente de sua relação de opacidade com o EUE. E, no caso de Vini, atrás de um EUE está um EUC, ávido de afetividade, cujo propósito moir é o de relacionar-se com um TU, o de estabelecer um vínculo afetivo com o TU - e com qual TU, de quantos presentes no ambiente? Exatamente com aquele que podia acompanhar de perto o seu ato de linguagem, aquele TU que lhe ficava mais próximo e com quem podia estabelecer um contrato de cumplicidade afetiva.

E como estabelecer este vínculo afetivo, de amizade, sem conversar diretamente com esse TU? Através do riso gostoso, de outra prática social, essa mais abrangente, da brincadeira, da jocosidade entre interlocutores na forma de identificação do TU com personagens de histórias, desastrosos, na

condição de anti-heróis (de acordo com a oposição herói-jamais-atingido-por-qualquer-desgraça e anti-herói-vítima-de-todas-as-desgraças-possíveis). Essa prática social da brincadeira é uma prática estabelecida, sancionada pela coletividade em circunstâncias em que há certa intimidade entre os interlocutores. Esse fato, per si, já representa uma comprovação da intencionalidade de Vini, de seu desejo de estabelecimento de um vínculo de amizade, logo de intimidade, através de um contrato jocoso. E é nesse contexto que temos uma intencionalidade do EU condicionando globalmente toda a produção de atos de linguagem, podendo-se pensar num macro-ato de discurso comissivo (promessa de amizade) e performativo ("seja meu amigo").

Essas conclusões podem ser inferidas a partir de extratos de protocolos de observação e de transcrição de fitas gravadas, das sessões de Vini. Por exemplo, no extrato de protocolo do dia 26/4/89, observam-se tentativas de estabelecer uma comunicação de cunho afetivo, com o ambiente; "quem é que gostou..." "deixa que eu faço pra ti"; e mediante observações engraçadas: "como é o nome daquele barbudo (!) ali?" "... gostou da tua cara ?".

Nos extratos de protocolos dos dias 19/4/89, 28/6/89 e 29/9/89, há uma planificação da história, pelo EU, através de uma interação verbal com o TU, a respeito do que vai "acontecer" de engraçado com o TU ele próprio (!), provocando risadas. A graça está exatamente na desgraça que o TU/ator enfrenta, deixando o TU numa situação " sem graça". Aliás Vini se refere explicitamente ao objetivo das histórias no extrato de protocolo do dia 4/10/89: "o importante é que seja engraçado".

CONCLUSÕES

A partir das análises efetuadas, fica claro que há um jogo de relações implícito e subjacente ao texto explícito, definindo as CD no instante da situação de enunciação, e imprimindo uma orientação determinada ao ato de linguagem, podendo pensar numa segunda macro-estrutura pragmática sobre-determinando macro-estrutura semântica e super estrutura formal.

É um jogo de poder e parecer na medida em que temos um TUi alçado à posição de "olho observador", inquiridor e poderoso, mas confrangido pelas limitações situacionais dos contratos de aceitação incondicional da atividade do observador; temos um EUC, observado e por isso frágil, e embora com disposição para estabelecer um vínculo afetivo, com vista a se integrar no grupo, sem possibilidade de comunicação direta com esse interlocutor virtual específico, pois limitado por um contrato de não-interferência mútua; temos, em contrapartida, um EUE que procura mudar as relações de poder, instaurando-se como um EUE onisciente, conhecedor dos fatos a respeito do TU,

logo com poder sobre ele; e temos um TUD frágil, sob o domínio do EUE e dele cúmplice através de contratos de autenticidade e de reconhecimento instaurados pelo EUE.

É um jogo de relações dos saberes supostamente compartilhados na medida em que se podem identificar:

- a) saberes supostos sobre o mundo ou as práticas sociais partilhadas, como é o caso do contrato de humor entre interlocutores amigos, através da invenção, pelo EU, de histórias jocosas sobre o TU;
- b) os saberes supostos sobre os pontos de vista recíprocos de seus protagonistas, como o contrato de aceitação e de não interferência mútua das e nas atividades dos virtuais interlocutores;
- c) o saber partilhado do mundo "em torno", do ambiente material pertinente na figura do computador, de sua priorização no ambiente e de seu emprego como ferramenta para atingir objetivos diversos.

A produção textual de Vini deixa a sua competência discursivo-situacional na medida em aquela representa uma resposta bem-sucedida do menino a determinadas CD que se configuraram no instante da situação de enunciação e que, como vimos pelas análises, evidenciaram plena adequação às características e às limitações particulares das CD. Num vôo de extrapolação, poder-se-ia perguntar que elementos da competência discursivas teriam sido postos em ação, resultando na manifestação duma competência textual específica, cujo produto constitui o conjunto de textos narrativos. Talvez pudéssemos identificar af os seguintes elementos:

- a percepção de "possíveis interpretativos", detectando constantes, no ambiente "em torno", que favorecem a interpretação do mesmo;
- a identificação e a utilização, nesse contexto particular, de rituais socio-lingüístico disponíveis, bem como de pontos de vista de virtuais interlocutores, que fossem adequado às suas necessidades mais prementes;
- a organização da matéria lingüística semântico-formal, adequando-a às CD particulares.

Para a organização da matéria lingüística, ao nível do texto houve necessidade da parte de Vini de mobilizar uma competência lingüístico-textual de modo a atingir seus objetivos (conformes com uma certa intencionalidade) de uma maneira eficaz e socialmente instituída através das CD.

Gostaríamos, ainda, de destacar a descoberta por Vini da funcionalidade da escrita, adotando-a como parte da sua estratégia na resolução de seus problemas. Além dos fatores já amplamente analisados (aceitação dos contratos de priorização do computador no ambiente, de não-interferência mútua das atividades desenvolvidas pelas partes...) há mais um fator que vem reforçar a nossa hipótese a respeito da intencionalidade de Vini: a sua

descoberta da possibilidade de ampliar o raio de comunicação com o ambiente, aumentando o número de interlocutores através da difusão do texto escrito pelo uso da impressora. Num extrato do protocolo do dia 22/6/88, ele diz a certa altura: "eu quero dar esse aqui (textos impressos) pra ti, pra ele, ele..."

Nesse caso, o computador estava, antes de tudo, intermediando uma relação social e comunicacional entre usuário-escritor e prováveis-leitores-circulando-no-recinto, para quem, na verdade as histórias haviam sido produzidas.

Para encerrar, e procurando entender, agora, o algoritmo narrativo (Charaudeau,85; Adam,87b), não mais das histórias de Vini, mas o de suas próprias ações, propomos ao leitor o seguinte percurso:

- uma situação inicial (ou a entrada de Vini no laboratório);
- uma situação de carência, ou de "falta", da parte de Vini (ou a necessidade, ou o desejo, de estabelecer um vínculo afetivo, de amizade, com o grupo social do laboratório);
- tomada de consciência, por Vini, dessa carência e, conseqüentemente, da existência de um objeto de valor (ou de que um vínculo de amizade com o dito grupo social representa um valor), levando-o a se tornar agente de um "fazer", na tentativa de busca do objeto de valor (ou do estabelecimento de uma relação de comunicação efetiva, escrita, nos moldes descritos, que satisfizesse essa "falta", utilizando os recursos oferecidos pelo ambiente material, no caso do computador, como intermediário nessa situação);
- o querer buscar, ou o engajamento na ação (ou seja, o afloramento das motivações internas e da intencionalidade, propiciadas por CD favoráveis);
- o descobrir como buscar (análise das CD e organização da matéria lingüística de acordo com o CD) e o poder buscar (o estabelecimento de uma relação de comunicação através de historinhas jocosas, escritas no computador);
- a sanção final (ou a obtenção da integração e da amizade).

O que parece fundamental no que concerne ao CD - neste caso particular (e que, talvez nem sempre ocorra em situações como aquelas escolares tradicionais) é que: (a) houve o favorecimento de uma situação de "falta" de um objeto de valor, ingrediente essencial na mobilização do desejo, e logo da competência de Vini; (b) houve um favorecimento de uma Tomada de Consciência dessa "falta"; (c) houve o favorecimento de alternativas múltiplas de busca (mediante um esquema de "adjuvância" ou de suporte da ação), dentre as quais a cooperação dos TUI no estabelecimento de contratos de fala e o uso do computador como intermediário numa relação de comunicação.

Essas considerações nos sugerem que foram essas CD particulares, propiciando múltiplos favorecimentos, que levaram à mobilização da competência discursiva de Vini para a identificação e interpretação do implícito no instante da enunciação, permitindo-lhe atingir seus objetivos.

Talvez pudéssemos mesmo arriscar que a maior ou menor probabilidade de mobilizar competências no sujeito deve-se à capacidade de um ambiente (visto globalmente) de contribuir para a instauração de CD que, ao gerar situações de "falta", seja capaz de oferecer, ao mesmo tempo, percursos narrativos alternativos, engajado e habilitando o sujeito na e para a busca de seu objeto de valor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J.M. Types de séquences textuelles élémentaires. Paris, Pratiques, 56,54-79, dez/87a.
.....Le récit (2ed). Paris, Presses Universitaires de France, 1987 (b).
.....Textualité et séquentialité; l'exemple de la description. Paris, Langue Française, Larousse, 74:51-72, mai/87 (c).
AXT, M. Os micromundos LOGO da linguagem. P. Alegre, UFRGS, FUNTEVE, 1986.
.....Linguistic microworlds, The 6th ICTE Proceedings, Orlando, Florida, 2:26-9, 1989a.
.....Explorando listas em LOGO. S. Paulo, MacGraw-Hill, 1989b.
CASTORINA, J.A. Psicologia genética. Miño y Davila, B.A. 1984.
CHARAUDEAU, P. Langage et Discours. Paris, Classiques Hachette, 1983.
FAYOL, M. Le récit et sa construction; une approche de psychologie cognitive. Paris, Delachaux & Niestlé, 1985.
PAPERT, S. Desafio a la mente. Galapago, B.Aires, 1981.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DA PUCRS

VERITAS

Revista de cultura geral – Trimestral

LETRAS DE HOJE

Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa – Trimestral

TEOCOMUNICAÇÃO

Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins, órgão de comunicação do Instituto de Teologia – Trimestral

ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana, do Curso de Pós-Graduação em História – Semestral

REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS

Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria – Trimestral

PSICO

Revista especializada em Psicologia – Semestral

DIREITO & JUSTIÇA

Revista da Faculdade de Direito – Sem periodicidade

EDUCAÇÃO

Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação – Semestral

ODONTO CIÊNCIA

Revista da Faculdade de Odontologia – Semestral

PUCRS – INFORMAÇÃO

Boletim informativo – Bimestral

AGENDA PUCRS

Boletim informativo interno da PUCRS – Mensal

COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS

Sem periodicidade

MUNDO JOVEM

Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas – Mensal

ANÁLISE

Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas – Semestral